



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO – UAE**  
**LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**MARIANA DUARTE DE SOUZA ROLIM**

**EDUCAÇÃO SEXUAL NO CURRÍCULO ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES E  
DESAFIOS DA TEMÁTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**CAJAZEIRAS – PB**

**2024**

MARIANA DUARTE DE SOUZA ROLIM

**EDUCAÇÃO SEXUAL NO CURRÍCULO ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES E  
DESAFIOS DA TEMÁTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande *campus* Cajazeiras – PB, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Joaquim Cavalcante

CAJAZEIRAS – PB

2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

R748e Rolim, Mariana Duarte de Souza.  
Educação sexual no currículo escolar: contribuições e desafios da  
temática na educação básica / Mariana Duarte de Souza Rolim. –  
Cajazeiras, 2024.  
47f. : il. Color.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Joaquim Cavalcante.  
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2024.

1. Educação sexual infantil. 2. Currículo escolar. 3. Projeto político  
pedagógico - Escola Municipal - Cajazeiras - Paraíba. 4. Sexualidade. 5.  
Educação básica - Cajazeiras - Município - Paraíba. I. Cavalcante,  
Simone Joaquim. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 37: 613.88 - 053.2

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

MARIANA DUARTE DE SOUZA ROLIM

## EDUCAÇÃO SEXUAL NO CURRÍCULO ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS DA TEMÁTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande *campus* Cajazeiras – PB, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Cajazeiras – PB, 04 / 11 / 2024

### BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente  
**SIMONE JOAQUIM CAVALCANTE**  
Data: 15/11/2024 12:43:15-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Simone Joaquim Cavalcante (Orientadora)  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



Documento assinado digitalmente  
**STELLA MARCIA DE MORAIS SANTIAGO**  
Data: 16/11/2024 14:02:17-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Stella Marcia de Moraes Santiago (Examinadora Titular)  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



Documento assinado digitalmente  
**ZILDENE FRANCISCA PEREIRA**  
Data: 15/11/2024 13:37:13-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Zildene Francisca Pereira (Examinadora Titular)  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Dedico esta monografia à Mariana do período passado, que por vezes sentiu-se incapaz, e viu-se perdida, mas usou suas forças para continuar e conseguir chegar até aqui. Sem Deus, eu nada seria, assim, dedico-o também.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me permitir estar e chegar até aqui. Foi Ele quem esteve ao meu lado sempre, me dando forças e fazendo acreditar em mim mesma. Nunca me desamparou, e sempre depositou confiança em mim para que eu superasse os obstáculos perpassados até aqui. Obrigada, meu Pai, te amo.

Agradeço a mim, por não ter desistido, e ter conquistado tudo o que conquistei, ter dado o meu melhor, apesar de tudo, sempre encontrei alguma forma de superar, seguir e conquistar. Eu fui muito forte, e corajosa, só eu sei o caminho percorrido até aqui, e me orgulho muito disso.

Agradeço ao meu namorado, que sempre me acolheu em muitos momentos de angústia e medo, enxugando minhas lágrimas, e me encorajando a seguir em frente e conseguir. Sempre acreditou em mim, até mesmo quando eu não acreditava, e vibrou junto comigo, as minhas conquistas acadêmicas e profissionais. Ele foi essencial.

Às minhas colegas e meu colega de curso, Camila, Ingrid, Sabrina, Fabiana, Flávia e Glauber, que com certeza, fizeram estes anos de graduação serem mais leves, descontraídos, engraçados, acredito que esta era uma das melhores partes...

À Bianca, que juntas compartilhamos momentos especiais para nossa formação e amizade. À Mariana, que foi fundamental para mim desde que nos aproximamos, sempre juntas, compartilhamos frustrações, conquistas e alegrias.

À algumas professoras e professores, que contribuíram efetivamente para minha formação e futura docência, não irei citar nomes, mas farei questão de agradecer a cada uma e cada um, pessoalmente. Aqui agradeço a minha orientadora, a professora, Simone Joaquim Cavalcante, que foi como uma luz no fim do túnel, e até aqui tem me ajudado e apoiado nesta etapa árdua e prazerosa, que é a monografia, obrigada por todos os conhecimentos e contribuições.

Agradeço também aos meus familiares, por me incentivarem, de forma direta e indireta, principalmente a vovó Valda, que mesmo com toda sua inocência e esquecimento, todas as vezes me encorajava e ficava feliz ao saber do meu curso, e, foi ela um dos motivos para conseguir seguir. Ao meu pequeno Miguel, que sem saber, muitas vezes foi meu fôlego e lugar de paz.

Aos meus amigos e amigas, que mesmo não estando diretamente envolvidos, estiveram comigo em outros momentos importantes para mim.

“Para educar para a liberdade, portanto, temos que desafiar e mudar o modo como todos pensam sobre os processos pedagógicos.” (Hooks, 2013, p.193)

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo principal analisar e discutir as contribuições da inserção da educação sexual no currículo escolar de uma Escola Municipal em Cajazeiras – PB e os desafios na implementação dessa temática na formação inicial da educação básica. Temos ainda como objetivos específicos: a) Identificar se/como a temática sobre educação sexual está presente no currículo da Escola Municipal e, quais tem sido as implicações no contexto escolar; b) Compreender como os/as professores/as e a equipe pedagógica abordam esta temática na sala de aula; c) Analisar e apontar os desafios para implementação da educação sexual na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O interesse pelo estudo sobre educação sexual na escola se deu a partir de vivências pessoais, anteriormente como aluna da educação básica, e atualmente, como professora em formação, atuando como estagiária. A partir disso surgiu a seguinte problemática: como a educação sexual está sendo trabalhada na educação básica, especificamente na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e qual a percepção dos/as professores/as e equipe pedagógica quanto as contribuições e desafios para abordagem da temática no ambiente escolar? Como sabemos a escola é um dos espaços fundamentais na formação e desenvolvimento psicossocial, cognitivo e cultural de crianças e adolescentes, ao longo da vida. A pesquisa se caracteriza quanto à sua abordagem, como qualitativa, de finalidade básica, cujos procedimentos técnicos serão norteados pela pesquisa de campo, onde os dados empíricos serão obtidos através de uma entrevista semiestruturada realizada com a equipe pedagógica e professores/as, totalizando 8 participantes, com atuação na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Como base teórica do estudo, dialogamos com Rocha (2024), Foucault (2010), Saito e Leal (2000), Maia e Ribeiro (2011), entre outros/as. Como resultado, destacamos a percepção das/dos docentes sobre como a educação sexual é trabalhada nessas etapas da educação básica, bem como identificamos desafios e perspectivas da abordagem do tema nas escolas, no contexto atual, onde observou-se diferentes perspectivas a partir das falas do/as entrevistado/as, que em sua maioria a veem como algo fundamental a ser abordado, entretanto, cercado de desafios, no que se refere à aceitação da família, ao currículo sobrecarregado, e à falta de formação almejada por estes profissionais e oferecidas pela escola.

**Palavras-chave:** Educação sexual. Currículo escolar. Formação docente.

## ABSTRACT

The main objective of this study was to analyze and discuss the contributions of including sexual education in the school curriculum of a municipal school in Cajazeiras, Paraíba, and the challenges in implementing this theme in the initial training of basic education. We also have the following specific objectives: a) To identify whether/how the theme of sexual education is present in the curriculum of the municipal school and what the implications have been in the school context; b) To understand how teachers and the pedagogical team approach this theme in the classroom; c) To analyze and point out the challenges for implementing sexual education in early childhood education and the initial years of elementary school. The interest in studying sexual education in schools arose from personal experiences, previously as a student in basic education, and currently, as a teacher in training, working as an intern. From this, the following problem arose: how is sexual education being worked on in basic education, specifically in Early Childhood Education and the Initial Years of Elementary School, and what is the perception of teachers and pedagogical staff regarding the contributions and challenges of addressing the topic in the school environment? As we know, school is one of the fundamental spaces in the psychosocial, cognitive and cultural formation and development of children and adolescents throughout their lives. The research is characterized by its approach as qualitative, with a basic purpose, whose technical procedures will be guided by field research, where empirical data will be obtained through a semi-structured interview conducted with the pedagogical staff and teachers, totaling 8 participants, working in Early Childhood Education and the Initial Years of Elementary School. As a theoretical basis for the study, we dialogued with Rocha (2024), Foucault (2010), Saito and Leal (2000), Maia and Ribeiro (2011), among others. As a result, we highlight the perception of teachers about how sexual education is worked on in these stages of basic education, as well as identifying challenges and perspectives on approaching the topic in schools, in the current context, where different perspectives were observed based on the statements of the interviewees, who mostly see it as something fundamental to be addressed, however, surrounded by challenges, regarding family acceptance, the overloaded curriculum, and the lack of training desired by these professionals and offered by the school.

**Keywords:** Sex education. School curriculum. Teacher training.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – “Disque100 registra mais de 17,5 mil violações sexuais contra crianças e adolescentes nos quatro primeiros meses de 2023” .....	32
Figura 2 – “Suspeito de estuprar criança, filmar e vender vídeo pela internet é preso em operação da PF na Paraíba” .....	34

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AEE – Atendimento Educacional Especializado

AIEF – Anos Iniciais do Ensino Fundamental

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CCA – Centro de Atenção à Criança e ao Adolescente

CFP – Centro de Formação de Professores

EI – Educação Infantil

OMS – Organização Mundial de Saúde

PB – Paraíba

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PPP – Projeto Político Pedagógico

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UAE – Unidade Acadêmica de Educação

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 EDUCAÇÃO SEXUAL: IMPLICAÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR</b> .....	16
2.1 CONCEPÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL.....	16
2.2 EDUCAÇÃO SEXUAL NO ÂMBITO ESCOLAR.....	18
2.3 FOUCAULT: PERCEPÇÕES ACERCA DA SEXUALIDADE.....	22
<b>3 PERCURSOS METODOLÓGICOS</b> .....	25
3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA.....	25
3.2 LÓCUS DA PESQUISA.....	26
3.3 SUJEITOS/AS DA PESQUISA.....	27
3.4 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	27
<b>4 ANÁLISE</b> .....	30
4.1 PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA.....	30
4.2 ABORDAGENS NA SALA DE AULA.....	31
4.3 APONTAMENTOS ACERCA DOS DESAFIOS NA IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA EI E AIEF.....	36
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	39
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	41
<b>APÊNDICES</b> .....	43

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho se refere à inserção da educação sexual no currículo escolar, cuja finalidade é apresentar possíveis contribuições e desafios na implementação desse tema na formação inicial da educação básica, tendo como lócus de investigação uma Escola Municipal em Cajazeiras – Paraíba (PB).

A escolha deste tema se deu a partir de vivências pessoais, como aluna da educação básica, como professora em formação, quando atuei como estagiária na Educação Infantil (EI) no ano de 2022, na creche São José, vinculada à Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Antônio Tabosa Rodrigues – CAIC, e, quando atuei como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) *campus* Cajazeiras, assim como, no Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (AIEF), na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Cecília Estolano Meireles. Nestas, pude perceber a ausência da abordagem desta temática em sala e, principalmente, em pesquisar e compreender sobre a educação sexual, sua efetivação no âmbito escolar, visto que a escola é um ambiente em que as crianças e adolescentes passam maior parte da sua vida, nesse sentido, a escola é um dos principais espaços formais para promoção de reflexões acerca da educação sexual.

A educação sexual é uma temática relevante, passou a ser discutida a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em 1997, esta fornece informações básicas sobre anatomia do corpo humano, especificamente dos órgãos genitais, reprodução, contracepção e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. No âmbito escolar, esta poderá contribuir com o processo de conscientização das/dos estudantes para tomada de decisões, no que se refere a saúde sexual de modo geral, assim como identificar e compreender modos de relacionamentos saudáveis, redução do risco de gravidez indesejada, principalmente, na adolescência, que envolvem práticas sexuais precoces entre meninas e meninos, infecções genitais, entre outras nuances que circundam as sexualidades humanas.

Ensinar sobre educação sexual na escola auxiliará na conscientização dos discentes sobre abuso sexual, consentimento e respeito mútuo, orientando-os e instruindo-os a reconhecer e se proteger contra situações de abuso dentro e fora da escola, é um grande desafio na atuação docente. Além disso, abordar questões de

identidade de gênero e orientação sexual, promovendo o reconhecimento e o respeito da diversidade humana e a luta contra a discriminação no ambiente escolar e na sociedade de modo geral, torna-se ainda mais desafiador, pois essas questões não são, algumas vezes, bem compreendidas, principalmente, por parte dos familiares em razão de princípios morais e religiosos.

Nesse sentido, e mesmo com sua importância para a formação de cidadãos e cidadãs bem informados/as e instruídos/as, a educação sexual enfrenta desafios na sociedade como um todo. Alguns grupos culturais e religiosos, sobretudo, de vertente cristã/o se opõem à educação sexual nas escolas, vendo-a como contrária aos seus dogmas, às suas crenças. Soma-se a isso, outros desafios, como por exemplo, a ausência de inserção desta temática na escola de forma mais abrangente, a formação docente (inicial e continuada), a padronização dos conteúdos a serem ensinados, a adequação às diferentes faixas etárias, e também a desinformação dos familiares e responsáveis.

Diante do exposto, reconhecer a escola como um ambiente que promove e também constrói conhecimentos diversos, e como uma das principais responsáveis pela formação pessoal e social dos sujeitos, torna-se relevante a inserção desta temática no currículo escolar como contributiva no enfrentamento de abusos sexuais em espaços escolares e não escolares, sobretudo, em ambientes familiares, dentre outros espaços de socialização vivenciados por crianças e adolescentes.

O estudo é norteado pela seguinte problemática: como a educação sexual está sendo trabalhada na educação básica, especificamente na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e qual a percepção dos/as professores/as e equipe pedagógica quanto as contribuições e desafios para abordagem da temática no ambiente escolar? Portanto, temos como objetivo principal analisar e discutir as contribuições da inserção da educação sexual no currículo escolar de uma Escola Municipal em Cajazeiras – PB e os desafios na implementação dessa temática na formação inicial da educação básica. Os objetivos específicos são: a) Identificar se/como a temática sobre educação sexual está presente no currículo da Escola Municipal e, quais tem sido as implicações no contexto escolar; b) Compreender como os/as professores/as e a equipe pedagógica abordam esta temática na sala de aula; c) Analisar e apontar os desafios para implementação da educação sexual na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Os procedimentos metodológicos utilizados para realização deste trabalho,

foram a pesquisa de campo, onde os dados foram obtidos através de uma entrevista semiestruturada, sendo constituída por 5 (cinco) questões centrais, realizada com a equipe pedagógica e professores/as, totalizando 8 (oito) participantes, sendo: 2 (duas) da EI, 5 (cinco) dos AIEF e 1 (uma) coordenadora pedagógica. Para o embasamento teórico deste estudo, dialogamos com Rocha (2024), Foucault (2010), Saito e Leal (2000) e Maia e Ribeiro (2011), entre outros/as. Portanto, esta pesquisa se caracteriza quanto à sua abordagem como qualitativa, de finalidade básica.

O presente trabalho está estruturado da seguinte forma: A *Introdução*, que apresenta as questões gerais da pesquisa. O capítulo 2 intitulado *Educação Sexual: implicações no contexto escolar*, constituído pelos tópicos que abordam acerca das concepções sobre educação sexual, a Educação sexual no âmbito escolar, e as percepções de Michel Foucault sobre sexualidade. O capítulo 3 que apresenta os percursos metodológicos para realização da pesquisa, com aspectos sobre a abordagem da pesquisa, o lócus, o/as sujeito/as participantes, a entrevista semiestruturada e os procedimentos éticos. O capítulo 4, que traz as análises sobre o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, a abordagem na sala de aula e os apontamentos acerca dos desafios da implementação da educação sexual. Por último, as Considerações Finais, norteadas pelas reflexões centrais sobre a relevância e contribuições desse estudo.

## 2 EDUCAÇÃO SEXUAL: IMPLICAÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR

### 2.1 CONCEPÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

A educação tem um papel fundamental na formação integral do indivíduo e da sociedade, sendo esta responsável pela integração das diferentes dimensões estruturais do sujeito com a sociedade, contribuindo efetivamente nas esferas políticas, sociais, culturais e éticas. Apresenta-se entre estas a educação sexual como um tema transversal que vem agregar diversos conhecimentos no desenvolvimento formativo dos educandos, favorecendo a estes conhecimentos sobre si próprios e as relações com os demais indivíduos.

A educação sexual na escola, foi posta à reflexão de autores e pesquisadores, desde o ano de 1978, segundo pesquisas feita por Rosemberg (1985). Esta é considerada como um “[...] campo de saber, intervenção e formação.” (Maia; Ribeiro, 2011, p. 75). Os saberes sexuais estão presentes na vida desde o nascimento, e é desde o meio familiar que a criança aprende e leva consigo atitudes, valores, comportamentos e manifestações, construídos, a partir de concepções religiosas, midiáticas e literárias, assim constituindo os valores sexuais e morais de cada sujeito (Maia; Ribeiro, 2011). Portanto, estas percepções são desenvolvidas de modo não-intencional.

No entanto, quando abordada na escola, a educação sexual é compreendida como uma finalidade de ensino e orientação, a qual precisa de “[...] planejamento, organização, objetivos, temporalidade, metodologia e didática” (Maia; Ribeiro, 2011, p. 76), requer preparação e formação do corpo docente para efetivação deste ensino no ambiente escolar, com ações e intencionalidade formativa.

Ao longo da vida, os sujeitos carregam as concepções de sexualidade que aprenderam com a família e a comunidade, e que foram influenciados culturalmente. A escola, por sua vez, ao abordar a educação sexual, além de ensinar, orientar, informar estes indivíduos, deverá debater, promover reflexão e questionamentos para que os/as alunos/as compreendam suas percepções trazidas de fora para dentro da escola, identificando e entendendo de onde foram originadas suas visões e concepções acerca das sexualidades.

De acordo com Britzman (2013), a psicanálise afirma que a sexualidade se inicia na primeira infância, antes da puberdade. Embora as crianças não compreendam totalmente esse aspecto, elas já experimentam sensações de prazer e

desenvolvem suas próprias ideias sobre sexualidade, impulsionadas pela curiosidade sobre si mesmas e os outros. Quanto a isto, argumenta que as teorias que as crianças formam sobre a sexualidade muitas vezes não se aproximam dos aspectos reais da vida sexual adulta.

Saito e Leal (2000) ressaltam que a abordagem da educação sexual em casa, ou seja, no ambiente familiar, é algo inexistente ou superficial, e na escola, é voltada apenas para os aspectos biológicos e anatômicos, uma vez que falta a formação profissional específica. Então, os conhecimentos que os indivíduos adquirem com a família ou grupo que vive, é apenas de forma aleatória, por vezes sem fundamento, e por isso a escola deve mediar o processo ensino-aprendizagem com ênfase numa formação mais sólida, sobre a temática de educação sexual.

Segundo Maia e Ribeiro (2011), a educação sexual é um processo pedagógico que tem como finalidade uma formação específica e intencional acerca da sexualidade, e do que constitui o ser, a partir de tais conhecimentos. No entanto, os saberes sexuais podem influenciar significativamente nos comportamentos, valores, práticas, concepções, e por isso é importante que sejam orientados nas discussões sobre estes assuntos e levados a reflexão acerca das próprias percepções.

De acordo com Rocha (2024), é possível que durante os diálogos acerca da sexualidade, surjam apontamentos acerca da saúde emocional da criança, de como ela se compreende e percebe as pessoas ao seu redor, como sua família, amigos, amigas, professores e professoras.

É válido ressaltar que a educação sexual foi estabelecida nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997), um documento que orienta a educação no Brasil, bem como a mediação dos diversos temas que emergem na sociedade, para serem abordados na escola, junto às disciplinas escolares. Neste documento, o termo usado era “Orientação Sexual”, porquanto, diversos autores não concordavam com esta nomenclatura, pois esta refere-se ao direcionamento do desejo sexual, e por isso o termo mais frequentemente usado é “educação sexual”. Os PCN’s orientam que o trabalho sobre este tema seja dividido em três tópicos, quais são: Corpo Humano, Relações de Gênero e Prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis<sup>1</sup>/AIDS (Brasil, 1997).

---

<sup>1</sup> A terminologia Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) passou a ser adotada em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), porque destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas (Ministério da Saúde).

Vale salientar que os Direitos Humanos pressupõem através dos Direitos Sexuais a garantia ao conhecimento e à educação sexual, que dentre estes direitos consta, porquanto, que esta educação deve acontecer de forma crítica e emancipatória (Maia e Ribeiro, 2011). De acordo com Figueiró (2020, n/p): “[...] a Educação Sexual não deve ser vista como uma ação que ocorre à parte da educação global do indivíduo, mas, pelo contrário, deve ser entendida como parte desta.”

Gonçalves *et al.* (2013) considera que a educação sexual no âmbito escolar enfrenta inúmeros desafios, e dentre estes, cita a dificuldade da participação dos alunos em relação à abordagem na sala de aula, uma vez que trazem sua visão construída desde o âmbito familiar, repleto de preconceitos e percepções acerca da educação sexual, bem como a sexualidade, que implicam no diálogo relacionado a estes assuntos, o que interfere na desconstrução das opiniões formadas pelos educandos.

## 2.2 EDUCAÇÃO SEXUAL NO ÂMBITO ESCOLAR

É importante que a temática da educação sexual direcionada as crianças, seja iniciada em casa, no entanto, como destaca Rocha (2024, p. 33) “[...] grande parte dos casos de abuso infantil ocorre dentro do ambiente familiar [...]”, é por este motivo que essa abordagem, seja desenvolvida e discutida também pela escola, isso porque ao limitar o assunto apenas ao contexto familiar, certamente muitas crianças estarão desamparadas, em razão do alto índice de abusos sexuais cometidos por entes familiares que fazem parte do convívio das crianças. Muitas vezes as crianças e adolescentes que sofrem abuso sexual no recôndito do lar, não são ouvidas, respeitadas e acolhidas. Isso não limita o papel educador e protetor das famílias em relação as crianças e adolescentes, pois quando as crianças são orientadas, bem informadas sobre os diversos aspectos da educação sexual, poderão também ser protegidas (Rocha, 2024).

A educação sexual na escola deve ser mediada por profissionais capacitados e especializados no âmbito da temática em foco, para que se tenha uma abordagem qualificada, planejada, e objetiva, levando os educandos a participar, discutir e refletir sobre educação sexual, suas práticas e seus cuidados consigo e com o outro, uma vez que discutir sobre isso é também uma questão social e política.

Saito e Leal (2000) afirmam que segundo estudos, a abordagem da Educação Sexual não resultou num ponto de partida para jovens iniciarem sua vida sexual, e

ainda, que estes, após receberem tal educação, visaram o preservativo como de suma importância para a primeira relação sexual, sendo a escola um espaço fundamental para construção sobre tais conhecimentos. Consoante a isto, complementam que:

A educação sexual é, sim, um meio e não um fim, fazendo-se clara a necessidade de haver reflexão sobre as singularidades de cada faixa etária e sobre os fatores de risco. Para isto, talvez o primeiro passo seja reconhecer a criança como ser sexuado e o adolescente desvinculado dos estereótipos que o ligam à liberação dos costumes, ao erotismo excessivo e à promiscuidade; é igualmente importante não encarar a sexualidade como sinônimo de sexo ou atividade sexual, mas, sim, como parte inerente do processo de desenvolvimento da personalidade. (Saito; Leal, 2000, p. 45)

No que se refere à infância, ou seja, crianças que na escola estão inseridas na EI e AIEF, Rocha (2024) assevera que esta etapa da vida é a mais apropriada para que se aborde a educação sexual e transmita conhecimentos acerca desta, visto que o ato sexual está distante do saber da criança, isso pela ausência de maturidade física e psicológica. Assim, torna-se mais adequado esta relação de ensino-aprendizagem.

De acordo com Louro (2013), a vigilância sobre a sexualidade se intensifica, mas não elimina a curiosidade; ela apenas restringe a expressão aberta e autêntica desses sentimentos. Questões como perguntas, fantasias e a busca pelo prazer são frequentemente relegadas ao segredo e à privacidade, por meio de diversas estratégias de controle, internalizamos sentimentos de vergonha e culpa, experimentando a censura. Ao considerarmos a sexualidade como um tema privado, perdemos de vista sua importante dimensão social e política.

Para que a educação sexual seja inserida no processo de escolarização, é necessário além da formação docente, o diálogo com o todo que forma a escola, como a família, funcionários/as, e juntos debatam e discutam a respeito disto. A abordagem da educação sexual na escola se constitui como um dos principais instrumentos no combate e prevenção ao abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes, por isso, é tema urgente e necessário.

É a partir da compreensão e dos acordos estabelecidos entre a comunidade escolar para esta abordagem, que o corpo docente pode atuar de forma mais efetiva em torno do tema, sendo um dos principais agentes mediadores do debate na escola, pois estão cotidianamente em contato e trocando experiências didático-pedagógicas e afetivas com as crianças e adolescentes. A educação sexual não tem nada a ver com ensinar sexo para crianças e adolescentes, ao contrário diz respeito a um campo disciplinar no âmbito da educação, conforme os documentos legais e instrucionais

presentes na legislação educacional brasileira.

Com isso, faz-se necessário e fundamental que os/as docentes tenham interesse nesta abordagem, para que assim busquem e recebam formação acerca da temática, desde a sua formação acadêmica, e também posterior a isso. Estas formações devem acontecer de modo crítico e reflexivo, para que estes docentes e futuros docentes em formação saibam lidar com possíveis desafios que serão postos, uma vez que atuarão com educandos/as que possuem percepções acerca da temática, imbuídos de pressupostos sobre sexo, gênero e orientação sexual (Maia; Ribeiro, 2011).

É fundamental que esse tema seja abordado por profissionais qualificados, pois o ensino deve acontecer de modo reflexivo e crítico, onde os envolvidos neste processo de ensino-aprendizagem participem ativamente, formando suas próprias concepções e opiniões, mediadas por profissionais que promovam essa aprendizagem, compartilhando saberes e conhecimentos científicos e qualificados com foco na educação sexual na escola, considerando-a também como um direito humano.

De acordo com Maia e Ribeiro (2011, p. 81),

A educação sexual nas escolas deve abranger, portanto, além das temáticas preventivas como saúde sexual e reprodutiva, discussões que incluam os relacionamentos sociais, a cidadania e os direitos humanos, incluindo o respeito à diversidade sexual.

Maia e Ribeiro (2011, p. 81) dissertam sobre a Carta de Aveiro, do I Congresso Internacional de Sexualidade e educação sexual, em Portugal, a qual reitera que “[...] a educação sexual deve ser abrangente, bem informada e cientificamente fundamentada, adequada à idade [...]”. Consoante a isto, ainda destaca a inserção da educação sexual na escola desde a infância até o ensino superior, e principalmente, a aprendizagem dos/as professores/as que serão futuros formadores/as de diversas gerações.

Como dito, a educação sexual foi apresentada pelos PCN's, como Orientação Sexual, de forma que a intervenção pedagógica do/a professor/a deve direcionar a abordagem para o corpo humano, enfatizando o respeito e, conhecimentos sobre este, além de conscientizar sobre os cuidados necessários com a saúde. Acerca do gênero, deve-se promover o questionamento das expectativas tradicionais que a sociedade impõe aos homens e às mulheres, valorizando a individualidade de cada pessoa e incentivando a flexibilidade desses papéis. No trabalho de prevenção contra

infecções sexualmente transmissíveis, incluindo o HIV/AIDS, tem o objetivo de fornecer informações científicas e atualizadas sobre as formas de prevenção, além de combater o estigma e a discriminação enfrentadas por pessoas que vivem com estas infecções (Brasil, 1997).

Em contrapartida, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), por sua vez, não traz dentre suas orientações para a educação brasileira, a abordagem da educação sexual para adentrar aos currículos. Concernente, a ausência desta temática pode trazer consequências, dado que estes documentos que orientam os currículos, deveriam tratar a temática da sexualidade de maneira mais detalhada, incluindo as habilidades pedagógicas que os/as alunos/as precisam desenvolver durante as aulas (Ribeiro e Paulini, 2022).

Sobre a educação sexual, Alves *et al.* (2022) discutem que o/a professor/a tem o papel fundamental para trabalhar com essa abordagem teórica na EI e no Ensino Fundamental, sendo necessário que estes estejam preparados para lidar com as diferentes situações de preconceito no âmbito educacional.

É fundamental que na esfera educacional o/a professor/a possa mediar a construção dos processos identitários, de empatia e de convívio social. No âmbito da educação sexual é possível trabalhar metodologias que mobilizem os educandos a se conscientizarem da necessidade dos saberes proporcionados através desta temática.

Rocha (2024) destaca que a sexualidade é uma parte essencial da vida humana, não podendo ser vista isoladamente. Ela se entrelaça com nossos pensamentos, sentimentos e ações, afetando a maneira como interagimos com os outros. Além disso, essa conexão abrange o nosso bem-estar em diversas áreas, como a saúde física, mental, espiritual, social, familiar e até financeira, mostrando como esses aspectos estão todos interligados. A autora ressalta que “[...] trata-se de um aspecto central da nossa personalidade e identidade [...]” (p. 21).

Contudo, a formação destes profissionais não compactua com a profissionalização que estes necessitam para realizar e mediar conversas e reflexões a respeito da temática que abrange a educação sexual (Alves *et al.*, 2022), por isso há a necessidade de rever a formação acadêmica e continuada destes educadores/as.

Conforme Louro (2013), a escola aplica uma abordagem pedagógica em relação à sexualidade, que envolve o controle dos corpos, essa prática é frequentemente sutil e discreta, mas se mostra eficaz e duradoura. A autora discorre que as escolas, que deveriam ser espaços de aprendizado, acabam se tornando locais

de ocultamento no que diz respeito à sexualidade. Nesse contexto, o espaço destinado ao conhecimento se transforma em um espaço de desconhecimento e ignorância sobre o tema, o que necessita ser superado.

Young (2007) ressalta a importância da escola e sua função social e política, a construção do conhecimento e o compartilhamento desses conhecimentos, isto porque "[...] elas capacitam ou podem capacitar jovens a adquirir o conhecimento que, para a maioria deles, não pode ser adquirido em casa ou em sua comunidade [...]" (p. 1294). A escola apesar de todos os problemas e limitações, é um instrumento que pode promover a prática da liberdade e da consciência histórica (Young, 2007).

Nesse sentido, a abordagem da educação sexual nas escolas é fundamental para que crianças e adolescentes aprendam de forma segura sobre os limites entorno dos seus corpos. Não um limite que oprime e desqualifica o sujeito, mas que o torna consciente de si mesmo e respeita os outros.

### 2.3 FOUCAULT: PERCEPÇÕES ACERCA DA SEXUALIDADE

De acordo com Foucault (2013), no século XVIII, nos colégios, não se falavam em sexo, vendo de uma forma geral, mas ao atentar-se para "[...] os dispositivos arquitetônicos, para os regulamentos de disciplina e para toda a organização interior" (Foucault, 2013, p. 34), notava-se a presença do sexo de forma implícita. Ele considerava que tanto os construtores, como os organizadores (da escola), pensaram e executaram esses dispositivos de forma explícita. O autor evidencia ainda que,

O espaço da sala, a forma das mesas, os arranjos dos pátios de recreio, a distribuição dos dormitórios (com ou sem separações, com ou sem cortina), os regulamentos elaborados para a vigilância do recolhimento e do sono, tudo fala da maneira mais prolixa da sexualidade das crianças (Foucault, 2013, p. 34).

Foucault (2013, p. 34) acreditava que toda esta organização e discurso da escola, constatava a existência da sexualidade, e que naquele século, o "sexo do colegial" era uma preocupação pública. Porquanto, desde esta época a instituição escolar mobilizou as discussões sobre este tema, estabelecendo implantação deste, compilou conteúdos e especializou os emissores deste tema.

Inibir discursos sobre o sexo, tem relação com o poder. Discursos sobre este tema atravessou o século XVIII chegando ao século XIX, deixando de ser um tema marginal ou privado, e tornando-se central no discurso social e institucional, controlado por dispositivos de poder, como governo, medicina, pedagogia, psicologia

e justiça. Esses discursos sobre o sexo não aconteciam à margem do poder, mas dentro de estruturas de poder, que utilizavam essas conversas como uma forma de controle e organização social. Referente a isto, Foucault coloca:

[...] falar de sexo com as crianças, fazer falarem elas mesmas, encerrá-las numa teia de discurso que ora se dirigem a elas, ora falam delas, impondo-lhes conhecimentos canônicos ou formando, a partir delas, um saber que lhes escapa – tudo isso permite vincular a intensificação dos poderes à multiplicação do discurso (2013, p. 36).

Porquanto, salienta que quem tem o poder na ordem da sexualidade são os homens, os adultos, os pais, os médicos, e quem é privado de poder são as mulheres, os adolescentes, as crianças, os enfermos.

O autor destaca que as sociedades modernas não suprimiram o discurso sobre o sexo, mas, pelo contrário, o enfatizaram, tratando-o como algo a ser constantemente discutido e desvendado. Isso cria uma dinâmica em que o sexo está sempre presente no discurso, mas ao mesmo tempo cercado de mistério (Foucault, 2013), até hoje, embora seja mais falado, discutido e performatizado em discursos políticos e políticas de poder.

Ainda de acordo com Foucault (2013, p. 49), há pelo menos dois séculos, as crianças foram proibidas e vigiadas, forçadas a confessar sobre seus imaginários sexuais; os pais e os professores, se não “desconfiassem suficientemente”, seriam considerados culpados, e no espaço familiar houve a implantação de todo um regime médico-sexual. Para além disso, como destaca o autor: “[...] desde o século XIX, foi atacada a sexualidade das crianças e foram perseguidos seus ‘hábitos solitários’ [...]. Os pedagogos e médicos combateram, realmente, o onanismo das crianças como uma epidemia a ser extinta.” (p. 49).

Para Foucault (2013), existem múltiplas sexualidades, como exemplo:

[...] as que aparecem com as idades (sexualidade do lactente ou da criança),  
[...] as que investem difusamente no relacionamento (sexualidade da relação médico-paciente, pedagogo-aluno, psiquiatra-louco), as que habitam os espaços definidos (sexualidade do lar, da escola, da prisão) [...] (p. 55).

Conforme Foucault (2013, p. 114-115), a partir do século XVIII, foi possível diferenciar “[...] quatro grandes conjuntos estratégicos [...] que desenvolvem dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo”. Entre estes, está a “pedagogização do sexo da criança”, que considerava que as crianças possuíam atividades ou tendências sexuais, portanto, eram vistas como algo inadequado, ao mesmo tempo “natural” e “contra a natureza” (porque não se encaixa nas normas

sociais da época). No entanto, a sexualidade infantil era considerada perigosa tanto para o próprio corpo, quanto para sua moral. As crianças eram vistas ao mesmo tempo fora da sexualidade adulta e já participantes dela, assim, estavam em uma zona perigosa, onde sua sexualidade deveria ser constantemente vigiada.

A sexualidade das crianças, passou a ser controlada, além dos pais, pelos educadores, médicos e psicólogos, pois era vista como algo frágil, e caso fosse “desviada”, poderia causar problemas. Um exemplo central dessa pedagogização foi a intensa campanha contra o onanismo (masturbação), visto que esta prática era um grave perigo tanto físico quanto moral, e havia um esforço contínuo por parte dos médicos e educadores para combatê-lo.

No fim do século XVIII, surgia uma nova tecnologia do sexo, um dos motivos que determinava esta “nova tecnologia”, era os três eixos pela qual se ampliava: o da pedagogia, que tinha a sexualidade específica da criança como objetivo; da medicina, tendo como objetivo a fisiologia sexual própria das mulheres, e por fim, da demografia, tendo como objetivo a regulação espontânea ou planejada dos nascimentos.

Foucault (2013) traz duas percepções acerca da sexualidade, que existem sexualidades de classe, que existe uma sexualidade burguesa e que a sexualidade é originária e historicamente desta, e, portanto, incita efeitos de classe específicos. O autor expõe uma concepção de sexualidade como

o conjunto dos efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos, nas relações sociais, por um certo dispositivo pertencente a uma tecnologia política complexa, deve-se reconhecer que este dispositivo não funciona simetricamente lá e cá, e não produz, portanto, os mesmos efeitos (Foucault, 2013, p. 139).

Conforme Foucault (2013, p. 159-160),

[...] a sexualidade precoce foi apresentada, desde o século XVIII até o fim do século XIX, como ameaça epidêmica que corre o risco de comprometer não somente a saúde futura dos adultos, mas o futuro da sociedade e de toda a espécie [...].

Contudo, ao longo de vários séculos, a sexualidade infantil foi objeto de uma intensa vigilância e controle, com a ideia de que era algo “natural” e perigoso” ao mesmo tempo. Essa pedagogização visava disciplinar a sexualidade da criança, protegendo-a de possíveis desvios, enquanto tentava preservar a moralidade e saúde da sociedade.

### 3 PERCURSOS METODOLÓGICOS

O objetivo central do trabalho é analisar e discutir as contribuições da inserção da educação sexual no currículo escolar de uma Escola Municipal em Cajazeiras – PB e os desafios na implementação dessa temática na formação inicial da educação básica.

Temos ainda como objetivos específicos: a) Identificar se/como a temática sobre educação sexual está presente no currículo da Escola Municipal e, quais tem sido as implicações no contexto escolar; b) Compreender como os/as professores/as e a equipe pedagógica abordam esta temática na sala de aula; c) Analisar e apontar os desafios para implementação da educação sexual na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

#### 3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA

Conforme Fontelles *et al.* (2009), a pesquisa científica volta-se para uma prática que se configura na junção de procedimentos diretos (objetivos) que servem como aparato para o pesquisador/a, sendo assim, as etapas postas são pensadas de maneira lógica e racional. Desta forma,

a estrutura de uma pesquisa científica inclui a escolha do tema, a elaboração e a execução operacional do projeto, a organização do material coletado, a análise e discussão dos resultados, a elaboração do relatório final e divulgação dos resultados (Fontelles *et al.*, 2009, p. 2).

Assim, esta volta-se para uma pesquisa qualitativa, considerando que visa entender a complexidade social e cultural da abordagem da educação sexual na escola, através da percepção dos/as docentes, bem como a interpretação destes acerca da temática, suas contribuições e desafios. (Fontelles *et al.*, 2009). A presente pesquisa se estabelece como de finalidade básica ou fundamental, uma vez que a mesma busca conhecimentos e informações em prol de contribuir para a construção, desenvolvimento e obtenção de resultados acadêmicos para a ciência.

Quanto à natureza, configura-se como uma pesquisa de campo, na qual os dados são coletados em situações naturais, permitindo a observação direta dos fenômenos, sem interferência ou manipulação pelo/a pesquisador/a (Severino, 2013).

A coleta de dados deu-se por meio de uma entrevista semiestruturada, a qual, segundo Laville & Dionne (1999, p. 188), denomina-se como uma “Série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode

acrescentar perguntas de esclarecimento”, feita com os/as docentes, sendo 2 (duas) professoras da EI, 5 (cinco) dos AIEF, onde 1 (um) é homem e 4 (quatro) são mulheres, e 1 (uma) coordenadora pedagógica, totalizando 8 (oito) entrevistados/as, sendo 7 (sete) mulheres e 1 (um) homem.

Para manter o anonimato da pesquisa, assim como foi informado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e no ato da entrevista, ao invés de usar os verdadeiros nomes das entrevistadas e do entrevistado, usou-se nomes fictícios, seguindo a ordem alfabética, de acordo com a ordem das entrevistas, sendo estes: Amélia, Bela, Cristal, Dante, Elis, Fabi, Gabi e Hanna; isto porque facilita uma melhor compreensão das falas nas entrevistas.

Para o desenvolvimento desta pesquisa no campo, utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturada com as seguintes questões: 1) Qual sua formação, e há quanto tempo atua na docência? 2) Qual sua percepção acerca da abordagem da educação sexual na escola? 3) Na sua formação inicial, quais conhecimentos obteve para abordar sobre esta temática? 4) Quais abordagens utiliza(ria) para trabalhar educação sexual no âmbito escolar? 5) Na sua opinião, a senhora ou o senhor considera importante a educação sexual na formação inicial da educação básica? Justifique.

### 3.2 LÓCUS DA PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada numa escola que se integra ao Sistema Municipal de Ensino do município de Cajazeiras, no alto sertão paraibano, a qual é frequentada por discentes urbanos e do campo. A escola foi fundada em 1993, inaugurada no fim de 1996, e iniciou suas atividades no início de 1997.

As modalidades de ensino oferecidas pela respectiva escola, são a Educação Infantil com 108 alunos e alunas apenas pela manhã, Anos Iniciais com 289 somente pela manhã, e Anos Finais do Ensino Fundamental com 223, exclusivamente à tarde. A escola caracteriza seus alunos como de classe baixa, onde os pais, mães, ou cuidadores/as responsáveis trabalham em “casa de família”, ou em outros segmentos, e que a fonte de renda maior é oriunda do Programa do Governo Federal o Bolsa Família<sup>2</sup>. Ainda assim, relata sobre a participação ativa destes na vida acadêmica dos

---

<sup>2</sup> O Programa Federal, instituído em 2003, “O Bolsa Família é o maior programa de transferência de renda do Brasil, reconhecido internacionalmente por já ter tirado milhões de famílias da fome. O Governo Federal relançou o programa com mais proteção às famílias, com um modelo de benefício

e das discentes, entretanto, maior parte não está envolvida em eventos que possibilitem uma relação entre família e escola.

### 3.3 SUJEITOS/AS DA PESQUISA

A professora do 3º ano dos AIEF, Amélia, atua há 6 anos na educação, cursou Letras até o 7º período e trancou, e iniciou o curso de Pedagogia, o qual está sendo finalizado.

Bela é professora do 5º ano dos AIEF, e atua na sala de aula há 10 anos, tem formação em Ciências Biológicas e Pedagogia, e possui especialização na área de Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Cristal é pedagoga, especialista em AEE, e está há 17 anos trabalhando entre docência e coordenação. Atualmente, leciona na turma de 4º ano dos AIEF.

O Dante é professor do 2º ano dos AIEF, atua na docência há 7 anos e 3 meses, e possui graduação em Pedagogia.

A professora Elis atua como professora do Pré I da EI, com crianças entre 4 e 5 anos, formou-se em 1998 no Magistério, e atua há 5 anos na docência.

Fabi é professora do 1º ano dos AIEF, formada há 6 anos em Pedagogia.

Gabi é a atual coordenadora pedagógica da escola, possui graduação em História, concluiu a graduação em Pedagogia e o mestrado em 2023, e atualmente é doutoranda; atua como professora desde 2000, e como coordenadora pedagógica, há 1 ano.

Hanna é professora do Pré II da EI, concluiu a graduação em Pedagogia em 2023, e está atuando na docência desde fevereiro deste ano, de 2024.

### 3.4 ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

As entrevistas foram realizadas do dia 30 de agosto ao dia 25 de setembro de 2024. No 1º dia, ao chegar na escola, a gestora não estava, então, conversou-se com

---

que considera o tamanho e as características familiares, aquelas com três ou mais pessoas passarão a receber mais do que uma pessoa que vive sozinha. Além de garantir renda para as famílias em situação de pobreza, o Programa Bolsa Família busca integrar políticas públicas, fortalecendo o acesso das famílias a direitos básicos como saúde, educação e assistência social. O Bolsa Família busca promover a dignidade e a cidadania das famílias também pela atuação em ações complementares por meio de articulação com outras políticas para a superação da pobreza e transformação social, tais como esporte, ciência e trabalho". (Brasil, 2024)

a coordenadora pedagógica junto a co-gestora para apresentá-las a proposta de pesquisa, quais os sujeitos seriam entrevistados, e os demais aspectos necessários para informações, as mesmas concordaram com a realização da pesquisa na escola, e em seguida a coordenadora pedagógica apresentou a pesquisadora para o professor e professoras que seriam entrevistado/as, e confirmando a participação deste e destas na pesquisa. Neste dia, as professoras Amélia, Bela e Cristal concordaram em realizar logo a entrevista, enquanto o professor Dante marcou para o dia 04 de setembro, e as outras professoras e coordenadora pedagógica disseram que fariam depois, e iriam combinar o dia via Plataforma Whatsapp.

Inicialmente, é válido ressaltar a prontidão e disponibilidade do/as sujeito/as para colaborarem com a pesquisa, sem resistência para participar, a única dificuldade eram os horários e dias disponíveis, visto a demanda de atividades tanto do/das entrevistado/as, quanto da pesquisadora. As três primeiras professoras, abdicaram do tempo do intervalo da aula para concederem a entrevista. O professor, no dia supracitado, de alguma forma, conseguiu sair um tempo da sala de aula para realizar a entrevista, neste dia, também foi combinado com a professora Elis, por meio do Whatsapp no entanto, ao chegar em sua sala, a mesma não conseguiu sair da sala, então, combinou para o dia 06 de setembro, neste dia, realizou-se a entrevista.

Posteriormente, marcou-se mediante Whatsapp, a entrevista da professora Fabi para o dia 24 de setembro à tarde, pois este era o único horário que a entrevistada podia, e assim foi feito. Neste mesmo dia, através do Whatsapp, foi combinado com as duas últimas pessoas que faltavam, e ficou certo para o dia seguinte, 25 de setembro, pela manhã. Primeiro, a coordenadora pedagógica Gabi, e depois a professora Hanna, que conseguiu deixar outra pessoa supervisionando os/as alunos/as, enquanto concediam a entrevista.

Todas as entrevistas foram gravadas via “gravador de voz”, com o celular da pesquisadora, e o/as voluntário/as estavam cientes, concordaram e autorizaram a gravação da entrevista. Após realização de todas as entrevistas, transcreveu-se num documento de Word para facilitar a análise dos dados, logo, foram destacadas as falas principais, que respondiam justamente o que buscava a pesquisa.

Diante aos expostos, afirma-se que houveram facilitações e desafios para efetivar as entrevistas semiestruturadas. A pesquisadora foi bem recebida pelo/as participantes, houve interesse deste/as em contribuir com a pesquisa, e o acesso à escola foi descomplicado. Quanto aos desafios da pesquisa, destaca-se, por exemplo,

a coleta de dados, o manejo com os instrumentos de pesquisa, mas que foram diluídos pouco a pouco com as discussões ocorridas nas aulas da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), dilucidando-se o caminhar do trabalho de campo.

Através do TCLE, o/as entrevistado/as foram informado/as acerca da possibilidade de desistência da participação, sobre os procedimentos aos quais seriam submetido/as, os riscos, o benefício e o sigilo da pesquisa. Ao assinarem, posteriormente receberam a cópia do termo, com as informações da pesquisadora, para possíveis dúvidas a respeito da pesquisa.

Ademais, foi feito o “Termo de Anuência”, o qual tem como função autorizar a realização da pesquisa no lócus escolhido, contendo informações sobre a pesquisa e sobre a escola. Este, foi assinado pela diretora, no entanto, não foi posto nos apêndices deste trabalho, pois optou-se por manter o anonimato da instituição e da gestora.

## 4 ANÁLISE

O instrumento utilizado para coleta dos dados que serão analisados a seguir, foi a entrevista semiestruturada, a qual foi orientada por 5 questões, e quando necessário, foram acrescentadas mais questões para elucidar as perguntas realizadas e obter respostas mais completas do entrevistado e das entrevistadas. Esta seção foi dividida em três tópicos, no 4.1 fez-se a análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, para identificar se/como a temática está presente no currículo escolar, no 4.2 analisou-se, através das respostas do/as entrevistado/as, a abordagem da temática na sala de aula, e no 4.3 realizou-se apontamentos quanto aos desafios e contribuições da implementação da temática na escola.

### 4.1 PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA

Ao fazer a leitura do PPP, notou-se a ausência dos termos “educação sexual” e “sexualidade”. Minuciosamente, encontrou-se, em meio à listagem dos recursos didáticos, coleções pedagógicas sobre arte, sexualidade, matemática, experimentos, e etc. No entanto, este recurso pedagógico não foi mencionado pelo professor, professoras e coordenadora pedagógica, participantes da entrevista, levando a entender que não recordam ou não tem conhecimento sobre a disponibilidade dessas coleções, ou que, se tem conhecimento, não utilizam como instrumento pedagógico na sala de aula.

Adiante, no tópico que reúne os projetos da escola, apresenta-se uma subdivisão dos projetos exclusivos da escola, tendo o “Projeto Educação Socioemocional”. No tocante à necessidade de cuidado com a saúde mental, o projeto da Secretaria de Educação de Cajazeiras – PB visa capacitar gestores e professores, promovendo formações continuadas e autocuidado. As ações são fundamentadas em intervenções psicopedagógicas, psicológicas e pedagógicas preventivas, alinhadas à BNCC (2017), visando o bem-estar e qualidade do ensino-aprendizagem.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) (*apud* Rocha, 2024, p. 19), “[...] A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e integrações, e portanto também a saúde física e mental.” Dito isto, afirma-se a importância da abordagem da educação sexual para contribuição da promoção da saúde mental. Entretanto, observou-se que na apresentação do “Projeto Educação Socioemocional”, não é citado a abordagem desta.

Constata-se que em nenhuma parte do PPP, objetiva-se ou efetiva-se a temática da educação sexual no lócus da pesquisa. No projeto anteriormente citado, teria a possibilidade de encaixar a abordagem da temática, caso fosse de interesse da escola, com o auxílio da Secretaria de Educação do município.

De acordo com a fala do/as entrevistado/as, relatou-se que seria importante a educação sexual na formação inicial da educação básica, entretanto, não há propostas no PPP da escola. Apesar disto, conforme o PPP, a missão da instituição é ser acolhedora, garantir acesso, respeitar a diversidade, promover a igualdade, envolver a comunidade e buscar formar indivíduos críticos, autônomos e solidários.

Porquanto, nota-se nos relatos colhidos através da entrevista, que esta temática não é trabalhada na escola a partir de um planejamento ou direcionamento da direção ou coordenação pedagógica. Conclui-se que a abordagem na sala de aula, acontece, de forma minuciosa e pouco frequente, por escolha de algumas professoras. Já a coordenadora pedagógica, relatou a resistência dos professores e professoras diante desta temática, que consideram “desafiadora”, considerando também a alta demanda requisitada aos profissionais.

#### 4.2 ABORDAGENS NA SALA DE AULA

Inicialmente, questionou-se sobre: *Qual sua percepção acerca da abordagem da educação sexual na escola?* De modo que a maioria considerou importante, no entanto, as respostas ficaram divididas, ou seja, apresentando posições diferentes. As professoras Amélia e Cristal apresentaram respostas semelhantes.

Para a professora Amélia, do 3º ano, a temática da educação sexual: “[...] é um tema difícil de ser abordado nos AIEF por serem muito crianças, e também por causa dos pais”. Já a professora Cristal, do 4º ano, ressaltou que: “[...] é uma questão muito delicada, mas que precisa ser abordada principalmente nas turmas de 4º e 5º ano, porque são crianças maiores e já estão com um despertar para questões de namoro e paquera”.

A professora Bela do 5º ano, afirmou que a temática da educação sexual na escola é algo bem “escasso”, ou seja, quando abordado, é de forma individual, e na sua opinião isto dificulta o processo, visto que se toda a escola trabalhasse junta, em todas as modalidades de ensino, teria mais impacto do que um trabalho individual.

O professor Dante, do 2º ano fez a seguinte afirmativa: “[...] devido ao programa de alfabetização que a gente tem o regimento de seguir, ela (a abordagem da

educação sexual) não é bem vista, né, pra ser explorada com os professores [...]”. Nesse sentido, observa-se que o mesmo não vê a possibilidade de conciliar a abordagem da temática junto ao programa de alfabetização, ou um momento a parte para isto. Já a professora Elis do Pré I, disse que é um caso muito sério, visto que trabalha com uma turma de alunos/as com idade entre 4 e 5 anos. Por conseguinte, relata que a escola deveria dar mais atenção a essa questão, e que há 2 anos, aconteceu um projeto na escola, o qual orientava, com um profissional, as crianças sobre esta temática.

A professora Fabi, do 1º ano, enfatiza que a educação sexual deve ser abordada desde cedo, mencionando diretamente a prevenção de abusos, destacando que muitas crianças vítimas de abuso sexual carecem de esclarecimento sobre o tema.

Conforme a notícia abaixo, o Disque 100<sup>3</sup>, instrumento de denúncias contra violações sexuais contra crianças e adolescente, foram registradas mais de 17,5 mil violações sexuais contra crianças e adolescentes nos quatro primeiros meses de 2023. (Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2023).

**Figura 1:** “Disque100 registra mais de 17,5 mil violações sexuais contra crianças e adolescentes nos quatro primeiros meses de 2023”.

iticias/2023/maio/disque-100-registra-mais-de-17-5-mil-violacoes-sexuais-contra-criancas-e-adolescentes

Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania

O que você procura?

CAMPAHNA 18M

**Disque 100 registra mais de 17,5 mil violações sexuais contra crianças e adolescentes nos quatro primeiros meses de 2023**

Aumento de 68% em relação ao mesmo período do ano passado, há maior participação da sociedade na mobilização e denúncia. A casa da vítima, do suspeito ou de familiares é o pior cenário, com quase 14 mil violações

Publicado em 17/05/2023 10h50 | Atualizado em 17/05/2023 10h50

Compartilhe: [f](#) [in](#) [e](#) [p](#)



Divulgação dos números registra ações de campanha do 18 de maio pelo Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes. Foto: Renzo de Aragão

Disque 100 (Disque Direitos Humanos) registrou mais de 17 mil violações sexuais contra crianças e adolescentes de janeiro a abril deste ano. Nos quatro primeiros meses de 2023 foram registradas, ao todo, 69,3 mil denúncias e 397 mil violações de direitos humanos de crianças e adolescentes, das quais 9,5 mil denúncias e 17,5 mil violações envolvem violências sexuais físicas – abuso, estupro e exploração sexual – e psicológicas.

A divulgação dos números integra as ações da campanha do 18 de maio – Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes, do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC). Com o tema “Faça Bonito. Proteja nossas Crianças e Adolescentes”, o objetivo da iniciativa é promover a data e sensibilizar a sociedade para ações preventivas e pedagógicas.

Secretária nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente interina, Maria Luiza Oliveira ressalta a importância da iniciativa para mudar essa realidade em todo o país. “É preciso dar visibilidade a este grave problema que afeta crianças e adolescentes e sensibilizar a sociedade quanto à prevenção e ao enfrentamento às violações. É inadmissível que ainda ocorram abusos, exploração sexual, estupro. Crianças e adolescentes devem ser protegidos. É dever

**Fonte:** Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 17/05/2023.

<sup>3</sup> O Disque Direitos Humanos - Disque 100 é um serviço de utilidade pública do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, conforme previsto no Decreto nº 10.174, de 13 de dezembro de 2019, destinado a receber demandas relativas a violações de Direitos Humanos, especialmente as que atingem populações em situação de vulnerabilidade social (Brasil, 2024)

Na figura 1 apresentamos a notícia com fonte extraída do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, nela afirma-se que “A casa da vítima, do suspeito ou de familiares é o pior cenário, com quase 14 mil violações”, o que demonstra fortemente que maior parte das violações sexuais contra crianças e adolescentes acontecem dentro de casa, incluindo o abuso sexual, exploração e tráfico.

Seguindo a entrevista com a professora Fabi, ela destaca a importância de ensinar às crianças sobre limites corporais, consentimento e respeito ao corpo. Consoante à esta colocação, Rocha (2024, p. 31) ressalta que a educação sexual, quando conduzida de maneira saudável e apropriada, respeita todas as etapas do desenvolvimento infantil, sendo estes: “[...] físico, emocional, psicológico, cognitivo e sexual”, e garante que as informações sejam adequadas à faixa etária, sem antecipar conteúdos que deveriam ser abordados em fases mais avançadas. Lembrado mais uma vez que a abordagem da educação sexual na escola não diz respeito a ensinar sexo para crianças e adolescentes.

A professora Hanna, do Pré II, refere-se à higiene e cuidado com o próprio corpo e corpo do/a colega, bem como conscientizar estas crianças quanto aos toques inadequados, e rebate a percepção de pessoas que acreditam que abordar isto em sala, é ensinar sobre práticas sexuais. Já a professora Gabi, coordenadora pedagógica, disse ser fundamental o diálogo acerca desta temática, entretanto, a abordagem deve acontecer de acordo com as especificidades de cada modalidade, do Pré I ao 5º ano. Consoante à importância do diálogo, Santos e Castilhos (2017, p. 257) asseveram:

As ações desenvolvidas na escola muitas vezes fracassam por não haver uma relação efetiva entre professor/aluno e família/escola. Ambas divergem muito sobre a aprendizagem da criança, deixam de lado o diálogo (promissor para um bom desempenho escolar), dificultando a aprendizagem dos alunos.

Além disso, a coordenadora pedagógica relatou sobre um caso de uma aluna da escola, que foi abusada pelo padrasto, e precisou ser afastada da mãe, porque a genitora preferiu ficar com o companheiro. Esses acontecimentos afetam as crianças de várias formas. Atualmente, a criança que fora abusada pelo padrasto vive no Centro de Atenção à Criança e ao Adolescente (CCA)<sup>4</sup>, para uma possível adoção, e

---

<sup>4</sup> O Centro de Atenção à Criança e ao Adolescente - CCA é uma instituição municipal de Alta Complexidade, onde acolhe crianças e adolescentes que se encontram sobre Medida Protetiva de Abrigo (Art.101, ECA).

sente-se rejeitada, necessitando todos os dias sair da sala para conversar um pouco com a coordenadora pedagógica, para se sentir melhor e acolhida.

Em Cajazeiras, recentemente em 2023, nos deparamos com a notícia de mais um caso de abuso e exploração sexual de crianças, quando um suspeito de estuprar uma criança de aproximadamente 10 anos, foi preso pela Polícia Federal da Paraíba, por filmar o ato criminoso e vender o vídeo pela internet.

**Figura 2:** “Suspeito de estuprar criança, filmar e vender vídeo pela internet é preso em operação da PF na Paraíba”



**Fonte:** G1 PB, 18/05/2023.

As investigações da Polícia Federal começaram após uma denúncia da polícia da Austrália, que identificou vídeos de abuso sexual de uma criança de aproximadamente 10 anos na internet. A Polícia Federal da Paraíba usou técnicas avançadas de investigação cibernética para localizar o suspeito, que mora em Cajazeiras – PB. Além de divulgar os vídeos, ele teria solicitado pagamento via Pix para continuar explorando a vítima. A “Operação Lobo” da PF resultou na prisão do suspeito e no cumprimento de mandados de busca e apreensão. Esta notícia provoca a reflexão acerca das explorações e abusos que tantas crianças estão suscetíveis a sofrer, e torna-se ainda mais delicado e preocupante, por ter ocorrido aqui na cidade, no sertão paraibano, tão perto de nós!

Ao questionar sobre os conhecimentos obtidos na formação inicial para abordar sobre esta temática, algumas professoras disseram que não obtiveram esse tipo de abordagem no currículo do ensino superior, outras falaram que apenas palestras ou diálogos em sala, mas nada específico, como por exemplo, uma disciplina no currículo do curso de licenciatura. Ademais, enunciaram que o conhecimento acerca do

assunto, foi adquirido de forma individual, através de vivências. A professora Bela, relatou que o estudo sobre a temática se deu por interesse e vontade própria, para buscar informações sobre este assunto, inclusive, destacou: “[...] muita das vezes a gente caminha sozinho pra estudar, pra aplicar, então, as vezes eu sinto muito dessa solidão, do professor [...] na execução, como também no processo de conhecimento e de aprendizagem.”. (Professora Bela, entrevista concedida em agosto de 2024).

A fala da educadora expressa a sensação de solidão do/a professor/a ao estudar e aplicar conteúdos, destacando a falta de apoio e colaboração entre colegas, bem como da escola, o que pode impactar negativamente tanto sua prática docente quanto seu desenvolvimento profissional.

Ademais, indagou-se se possuíam conhecimentos para tal abordagem, as educadoras responderam que apenas para crianças pequenas da EI e do 1º ano dos AIEF, todavia, para crianças maiores, seria preciso uma formação para aquisição de conhecimentos e metodologias atualizadas, que fossem de acordo com a idade dos/as alunos/as.

À coordenadora pedagógica, foi questionada se a escola oferecia formações para os/as profissionais para abordagem da educação sexual, a resposta obtida foi:

A escola tem diversos projetos, diversos programas e metas a serem cumpridas, desde o pré até o 9º ano, mas, a gente já recebeu equipes que vieram trabalhar com os professores, dos anos finais, mas não tem nenhum trabalho específico pra tá dialogando, conversando com os professores em relação à educação sexual, não. [...] as vezes que a gente tenta sentar pra dialogar, elas (professoras) resistem... “*não, não, as famílias não querem saber, as famílias não aceitam...*”. Então, é algo que não tem tido como encaixar no currículo, e na programação da escola que tá bem sobrecarregada (Entrevista concedida em setembro de 2024).

A entrevistada destaca a dificuldade de incluir a educação sexual no currículo escolar devido à sobrecarga de metas e projetos, à falta de formação específica para os professores e à resistência deles, que temem o posicionamento das famílias, evidenciando a necessidade de diálogo e apoio institucional para abordar o tema de forma eficaz. Entretanto, há formas de envolver a escola de modo direto, como por exemplo, círculo de palestras, seminários, audiências públicas, atividades promovidas pela universidade, pelo ministério público, entre outros.

Mediante a quais metodologias utilizam ou utilizariam, prevaleceram: a conversa, uso de materiais pedagógicos mais concretos e músicas.

Aqui ressaltamos a fala da coordenadora pedagógica, Gabi, que de certa forma reuniu as falas do/as outro/as participantes:

[...] a partir da higienização, desse diálogo, dessa importância do corpo, como o corpo ele vem a ser importante, como ele não pode ser tocado, como ele deve ser respeitado, e aí, a partir daí que vai se criando os limites em relação a esse corpo [...] (Entrevista concedida em setembro de 2024).

Portanto, foram citados alguns pontos específicos, como relata Bela:

Eu uso materiais concretos (...) jogos, como WordWall, (...) até fiz uma adaptação do Minecraft, meus alunos gostavam, (...) metodologias ativas, a partir daquilo que eles já sabem, o que eles têm conhecimento, como também materiais lúdicos, e... trazendo um pouco de mídias, de tecnologia também pra sala de aula, e tem funcionado [...] (Entrevista concedida em agosto de 2024).

Em seu relato, apontou-se o caso da criança que foi abusada pelo padrasto, como foi mencionado anteriormente pela coordenadora pedagógica. A aluna faz parte da sua turma de 5º ano, e ao ter abordado o assunto sobre educação sexual em sala, logo após a aluna se sentiu à vontade para conversar e desabafar sobre isso com ela, e relatou o caso de abuso sofrido.

Além disso, houveram respostas citando a campanha que aconteceu no mês de maio, na semana contra o abuso sexual contra crianças e adolescentes, abordando alguns aspectos sobre a educação sexual, através do tema “saúde e higiene”. Porém, novamente, houve a sugestão de que fossem oferecidos projetos pela escola.

#### 4.3 APONTAMENTOS ACERCA DOS DESAFIOS NA IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA EI E AIEF

Nessa seção, ainda tomando como base as entrevistas, quando questionado se teriam recorrido a formações específicas acerca do tema, esta foi a resposta do professor Dante: “Não, a essa temática, não. Porque assim, é algo mais relativo, né, algo mais específico tanto da família está orientando, né, dentro de casa, e a gente... como a gente segue um programa, [...], é algo bem corrido, não dá tempo trabalhar não.”.

A fala do entrevistado reflete uma resistência à abordagem da educação sexual nas escolas, enfatizando que essa temática é considerada mais relativa e dependente do contexto familiar. Este aponta limitações práticas, como a falta de tempo no currículo, que dificultam a inclusão do tema, sugerindo que a responsabilidade pela educação sexual deve ser prioritariamente familiar, o que pode ser problemático, já que nem todas as famílias se sentem preparadas para abordar esses assuntos, referente a isto, Rocha (2024) acentua que pais e mães necessitam de capacitações

ofertadas pelo governo e profissionais, por isso, a importância da abordagem na escola e, conseqüentemente, no currículo no âmbito da formação docente.

Semelhante as considerações do professor acerca da temática da educação sexual na escola, a professora Hanna expõe que não recorreu porque: “[...] não teve ainda esse despertar de curiosidade sobre a temática”, isto por conta das demandas que tem que seguir, por conta da cobrança, e principalmente, quando se está em período de avaliação diagnóstica, onde é necessário enfatizar assuntos de Língua Portuguesa e Matemática, para além disso, afirmou que: “A gente foca mais no que é cobrado da gente do que as questões sociais.” Entretanto, a educadora diz que a cada semana de aula é abordada uma temática diferente, escolhida por um/a professor/a da rede municipal, e a abordagem da educação sexual nunca foi sugerida, a entrevistada acredita que isto acontece porque a maioria das pessoas acham que é um assunto polêmico para ser trabalhado na EI.

A professora Elis, por sua vez, expõe que não buscou, mas que isso deveria ser oferecido pela escola, além do mais, os/as próprios/as professores/as deveriam cobrar da escola a oferta de conhecimentos e informações acerca do tema. Ademais, sugere que deveria haver encontros, em média quinzenalmente, com profissionais capacitados para abordar sobre isto com os/as educandos/as.

Por fim, apontaram algumas considerações acerca da educação sexual nesta formação inicial da educação básica, como por exemplo a importância desta para o autoconhecimento, porém a dificuldade para abordá-la, como cita a professora Amélia, que considera sua turma de 3º ano “muito criança”, ou seja, imaturas para dialogarem sobre isso, e não compreenderem o que foi dito, levando isso para casa, e o receio de provocar problemas entre família-professora.

Já a professora Bela, considera que é de “extrema importância”, principalmente para a prevenção de abuso, e de toques inadequados. Em contrapartida, Elis expõe que esta educação deveria começar inicialmente pelos pais e mães, como pode-se observar em sua fala:

[...] porque a maioria desses casos de abuso sexual acontece na família, acontece em casa, com os próprios pais, irmãos, e eu acho que teria de ser... pra abordar isso aí, esse assunto, teria de ser com a família, primeiro com a família, a escola com a família [...] (Entrevista concedida em setembro de 2024).

A professora Cristal disse que a abordagem da educação sexual na escola é necessário porque “[...] uma hora ou outra eles vão ter que dar de cara com esse

tema”. Já a professora Hanna acredita ser importante para um desenvolvimento consciente das crianças, em relação a si e ao outro. A professora Fabi considera que isto é “[...] um tabu a ser quebrado”, em virtude de que as pessoas acreditam que a educação sexual é para ensinar atos sexuais às crianças, o que não é verdade!

A coordenadora pedagógica, afirmou que este tema é algo que não é citado pelos/as professores/as, como importante para ser abordado, e por isso, não há solicitações para trabalhar em relação à educação sexual com os/as alunos/as. Além disso, destacou o cansaço e exaustão por parte dos/as profissionais como a motivação para não ser um “trabalho a mais para eles”, mas que ainda sim, há profissionais que trabalham isto a partir do “currículo oculto” e da “sensibilidade” com a relevância da temática. Portanto, cita a questão da importância de o/a docente ter autonomia sobre si, e sobre seu currículo, porém, a alta demanda dificulta o trabalho destes/as.

Louro (2013, p. 19) relata que a escola buscava redirecionar o foco dos alunos e das alunas para outros temas, evitando, a qualquer custo, abordar questões relacionadas à sexualidade, havendo uma “dessexualização do espaço escolar”. A abordagem educacional tende a postergar a discussão sobre sexualidade para a vida adulta, priorizando a manutenção da “inocência” e da “pureza” das crianças e adolescentes. Isso, no entanto, pode resultar em silenciamento da curiosidade e dos conhecimentos que esses/as jovens têm sobre identidades, fantasias e práticas sexuais (Louro, 2013).

Mediante aos expostos, vê-se que há desafios na implementação da educação sexual nesta escola, sendo apresentados diferentes pontos de vista e opiniões que variam desde o currículo profissional do/as entrevistado/as até uma ação efetiva da escola como um todo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem educacional pode fornecer um espaço seguro para discutir essa temática na escola e orientar, preparar as crianças para entender limites sobre os seus corpos, que não podem ser adultizados, tão pouco adulterados, violentados por meio de práticas sexuais criminosas.

Para Young (2007), “[...] Resolver os problemas dessa tensão entre demandas políticas e realidades educativas, eu diria, é uma das maiores questões educativas dos nossos tempos” (p. 1301), ou seja, nem sempre essas demandas políticas se alinham com as necessidades reais da escola e dos/as alunos/as. Para que esta questão seja resolvida, é fundamental envolver educadores/as, estudantes e comunidades para formulação das políticas, e dessa forma garantir soluções práticas e relevantes, promovendo uma escola inclusiva e com educação eficaz.

Através das entrevistas realizadas para investigação e realização da pesquisa, foi possível alcançar os objetivos propostos. Inicialmente, ao analisar o PPP, com o intuito de identificar se a educação sexual estava inserida neste, vimos que no documento não possui nenhum projeto ou programa direcionado à abordagem desta educação, na Escola Municipal, o que implica diretamente na prática docente em sala de aula, visto que é a partir do PPP que orienta-se o processo de ensino-aprendizagem.

Algumas participantes veem a educação sexual como uma abordagem que não deve ser trabalhada ainda com crianças da EI e AIEF, assim como outras compreendem que vai além disto, e conseguem abordá-la de forma indireta na sala de aula. Acreditam ser eficaz na prevenção de abusos e exploração dos corpos infantis e toques inadequados, mas além disso, a educação sexual abrange outros aspectos, como sentimentos, pensamentos e ações das crianças e adolescentes.

Em relação aos desafios, foram apontados a faixa etária dos/as alunos/as, sendo que existe o assunto adequado para tratar com cada faixa etária e cada modalidade da EI e AIEF. A formação profissional também foi posta como algo que dificulta a implementação da educação sexual na escola, visto que as professoras possuem apenas conhecimentos superficiais, isto porque não obtiveram conhecimentos na formação inicial e continuada. Como motivo por não buscar formações acerca deste tema, foi relatado a falta de interesse visto que há muita cobrança para os prazos acerca do programa de alfabetização, e por este motivo,

focam mais em assuntos que serão abordados nas avaliações deste programa.

Além disso, relataram que não abordam sobre a educação sexual, por receio da família não gostar, e isto acaba acarretando na resistência dos/as docentes em quererem tratar essa temática em sala. Consoante a isto, apontou-se que seria necessário que a escola trabalhasse isto com a família, para que assim pudesse estabelecer algo em sala com os/as educandos/as.

Contudo, além dos desafios, há também muitas contribuições em abordar sobre a educação sexual na escola, como trouxeram o/as entrevistado/as, o autoconhecimento, a promoção do respeito em relação com o outro, e a si próprio, o cuidado, noções de permissividade quanto ao corpo, quanto a importância do corpo como elemento que deve ser protegido e cuidado, e a partir disso proteger as crianças de caso de abuso, exploração sexual e assédio em qualquer ambiente/espço de convivência. Portanto, a abordagem sobre a educação sexual na escola é tema fundamental para toda a sociedade, para as gerações do presente e futuras, configura-se como uma prática política na educação inadiável.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Patricia Formiga Maciel *et al.*. **Educação sexual e formação docente: uma discussão urgente no âmbito das licenciaturas**. Anais VIII CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/90038>>. Acesso em: 09/10/2023.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular - Educação é a Base**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <[https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal.pdf](https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf)>.
- BRASIL. **Disque 100 registra mais de 17,5 mil violações sexuais contra crianças e adolescentes nos quatro primeiros meses de 2023**. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/disque-100-registra-mais-de-17-5-mil-violacoes-sexuais-contra-criancas-e-adolescentes-nos-quatro-primeiros-meses-de-2023>>. Acesso em 09 out. 2024.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069/90. Brasília, 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/publicacoes/eca-2023.pdf>>.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética**. Brasília: MEC/ SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>>.
- BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 83-111.
- FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio**. Eduel, 2020. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Jd4NEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=Educa%C3%A7%C3%A3o+sexual:+retomando+uma+proposta,+um+desafio&ots=s2ep8QJcbl&sig=Wm4KvPNGcckPYkcRFxqS2VMBD\\_8#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Jd4NEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=Educa%C3%A7%C3%A3o+sexual:+retomando+uma+proposta,+um+desafio&ots=s2ep8QJcbl&sig=Wm4KvPNGcckPYkcRFxqS2VMBD_8#v=onepage&q&f=false)>.
- FONTELLES, Mauro José *et al.*. Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. **Revista paraense de medicina**, v. 23, n. 3, p. 1-8, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. vol. 1: A vontade de saber. Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2013.
- G1 PB. **Suspeito de estuprar criança, filmar e vender vídeo pela internet é preso em operação da PF na Paraíba**. G1 Globo, 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2023/05/18/suspeito-de-estuprar-crianca-filmar-e-vender-video-pela-internet-e-preso-em-operacao-da-pf-na-paraiba.ghtml>>. Acesso em: 09 out. 2024.
- GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. Educação Sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Holos**, ano 29, vol. 5, p. 251 - 263, 2013.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. 1ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. Disponível em: <[https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/sele%C3%A7%C3%A3o\\_2020.1/hooks\\_-\\_Ensinando\\_a\\_transgredir.pdf](https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/sele%C3%A7%C3%A3o_2020.1/hooks_-_Ensinando_a_transgredir.pdf)>.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Trad. Heloísa Monteiro e Francisco Settineri – Porto Alegre: Artmed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 7-34.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marcal. Educação sexual: princípios para ação. **Doxa**, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011.

RIBEIRO, Rayane Brandão; PAULINI, Fernanda. A importância da formação de professores para a abordagem da temática de educação sexual: uma revisão. **Revista As Várias Faces de Eva: o feminino na contemporaneidade**, v. 1, p. 29-44, 2022.

ROCHA, Leiliane. **Como falar sobre sexualidade com as crianças**. Bauru – SP: Astral Cultural, 2024. 192 p.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação sexual na escola. **Caderno de Pesquisa**, p. 11 - 19, 1985.

SAITO, Maria Ignez; LEAL, Marta Miranda. Educação sexual na escola. **Pediatria**, v. 22, n. 1, p. 44-48, 2000.

SANTOS, Cristiane Salette Mitzko dos; CASTILHOS, Grasiela Pereira da Silva de. FAMÍLIA/ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES DO DIÁLOGO NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. **Anais Simpósio de Pesquisa e Seminário de Iniciação Científica**, v. 1, n. 2, 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico [livro eletrônico]**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: uma perspectiva dos estudos culturais** 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 3 mar. 2023.

## APÊNDICES



Universidade Federal  
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores  
Unidade Acadêmica de Educação  
Campus de Cajazeiras - PB



### ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Qual sua formação, e há quanto tempo atua na docência?
- 2) Qual sua percepção acerca da abordagem da Educação Sexual na escola?
- 3) Na sua formação inicial, quais conhecimentos obteve para abordar sobre esta temática?
- 4) Quais abordagens utiliza(ria) para trabalhar educação sexual no âmbito escolar?
- 5) Na sua opinião, a senhora ou o senhor considera importante a educação sexual na educação básica? Justifique.

**ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL****TERMO DE ANUÊNCIA**

Eu, **GESTORA DA ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL**, autorizo o desenvolvimento da pesquisa intitulada: **EDUCAÇÃO SEXUAL NO CURRÍCULO ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS DA TEMÁTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**, nesta instituição, que será realizada no período de **agosto de 2024** a **novembro de 2024**, que tem como objetivo principal analisar e discutir as contribuições da inserção da Educação Sexual no currículo escolar de uma Escola Municipal em Cajazeiras – PB e os desafios na implementação dessa temática na educação básica, tendo como pesquisadora responsável a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> **Simone Joaquim Cavalcante** e orientanda **Mariana Duarte de Souza Rolim**, da Universidade Federal de Campina Grande, do Centro de Formação de Professores, da Unidade Acadêmica de Educação, do Curso de Licenciatura em Pedagogia.

---

LOCAL E DATA

---

Assinatura da responsável pela instituição



Universidade Federal  
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores  
Unidade Acadêmica de Educação  
Campus de Cajazeiras - PB



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Este é um convite para você participar como voluntária(o) da pesquisa intitulada: **Educação sexual no currículo escolar: contribuições e desafios da temática na educação básica**, realizada pela aluna **Mariana Duarte de Souza Rolim**, e orientada pela **Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Simone Joaquim Cavalcante**, do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Esta pesquisa tem como objetivo principal **analisar e discutir as contribuições da inserção da Educação Sexual no currículo escolar de uma Escola Municipal em Cajazeiras – PB e os desafios na implementação dessa temática na formação inicial da educação básica** e se faz necessária pelo **interesse em pesquisar e compreender sobre a Educação Sexual e sua efetivação no âmbito escolar**.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) ao seguinte procedimento: **responder à uma entrevista semiestruturada, obtendo 5 perguntas, na qual haverá gravação de voz, com o auxílio de um aparelho celular de responsabilidade da entrevistadora**. Os riscos envolvidos com sua participação são mínimos e previsíveis, a exemplo de alguma pergunta que possa causar constrangimento, mas, neste caso, elucidamos que sua participação é voluntária e que poderá interromper ou desistir a qualquer momento ou deixar de responder a quaisquer das questões que lhe forem feitas. O benefício da pesquisa será **evidenciar quais as contribuições e desafios de abordar sobre Educação Sexual na educação básica, especificamente na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental**.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada à pesquisadora Mariana Duarte de Souza Rolim, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

**Dados para contato com o responsável pela pesquisa**

**Nome:** Mariana Duarte de Souza Rolim

**Instituição:** Universidade Federal de Campina Grande – Cajazeiras-PB

**Endereço Pessoal:** João Martins Moreira, s/n, Municípios

**Horário disponível:** 7h às 17h (segunda-feira à sexta-feira)

**Telefone:** (83) 99358-8849

**E-mail:** mariana.souza@estudante.ufcg.edu.br

**Dados do CFP**

**Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.**

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

---

**LOCAL E DATA**

---

Assinatura ou impressão datiloscópica do(a) voluntário(a) ou responsável legal

---

Responsável pela pesquisa  
Mariana Duarte de Souza Rolim